

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DE BRASÍLIA Class.: 1015

Data 12/03/86 Pg.: \_\_\_\_\_

# Planalto aciona Exército contra índios

Elson Soares

4468  
Do Ministério do Interior, na Esplanada dos Ministérios, ao Palácio do Planalto, na Praça dos Três Poderes, o centro político do País assistiu ontem à tarde, mais uma movimentação de tropas militares para defender a área. Soldados da Polícia do Exército e Polícia Militar defendiam a área de um possível ataque de 140 dos mil índios que se encontram em Brasília para exigir o imediato afastamento do presidente da Funai, Apoena Meireles. Essa é a segunda vez, na Nova República, que o Palácio do Planalto fica cercado por militares. Da última vez foi contra três mil camponeses, em 18 de dezembro passado.

Eram 300 homens, dos quais, 40 da tropa de choque da Polícia Militar, armados de cassetetes, metralhadoras, levando 22 cães policiais. A segurança do Palácio começou a funcionar pouco depois das três da tarde e só às 17 horas começaram a chegar os índios, em táxis e ônibus especiais.

O primeiro a chegar foi o cacique Raoni, dos txukarramãe, acompanhado pelos líderes Kremoro, Krumari, Wai-Wai e Paiaká, jovem cacique dos gorotire dos Aukré, no sul do Pará, que filmava tudo com seu equipamento de VT. Raoni foi barrado e, virando-se para os repórteres, perguntou: "Quem vai abrir caminho para nós?". Chegou o capitão Vieira, da PM e, depois de uma breve negociação, permitiu a entrada do cacique, na condição de que os demais índios permanecessem do outro lado da rua, frente ao Palácio do Planalto. Raoni concordou.

Em seguida chegou o deputado Mário Juruna (PDT-RJ), ex-cacique da aldeia xavante de Nomukurá. Ele chegou protestando contra a presença das tropas militares e acusando o presidente da Funai de corromper as lideranças indígenas: "Ele deu doze bilhões para os chefes. Não foi para as comunidades xavantes, só para chefes. Ele está ensinando índio pedir esmola, ensinando safadeza de branco para in-

do", disse o cacique-deputado, que foi chamado para conversar com o ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel.

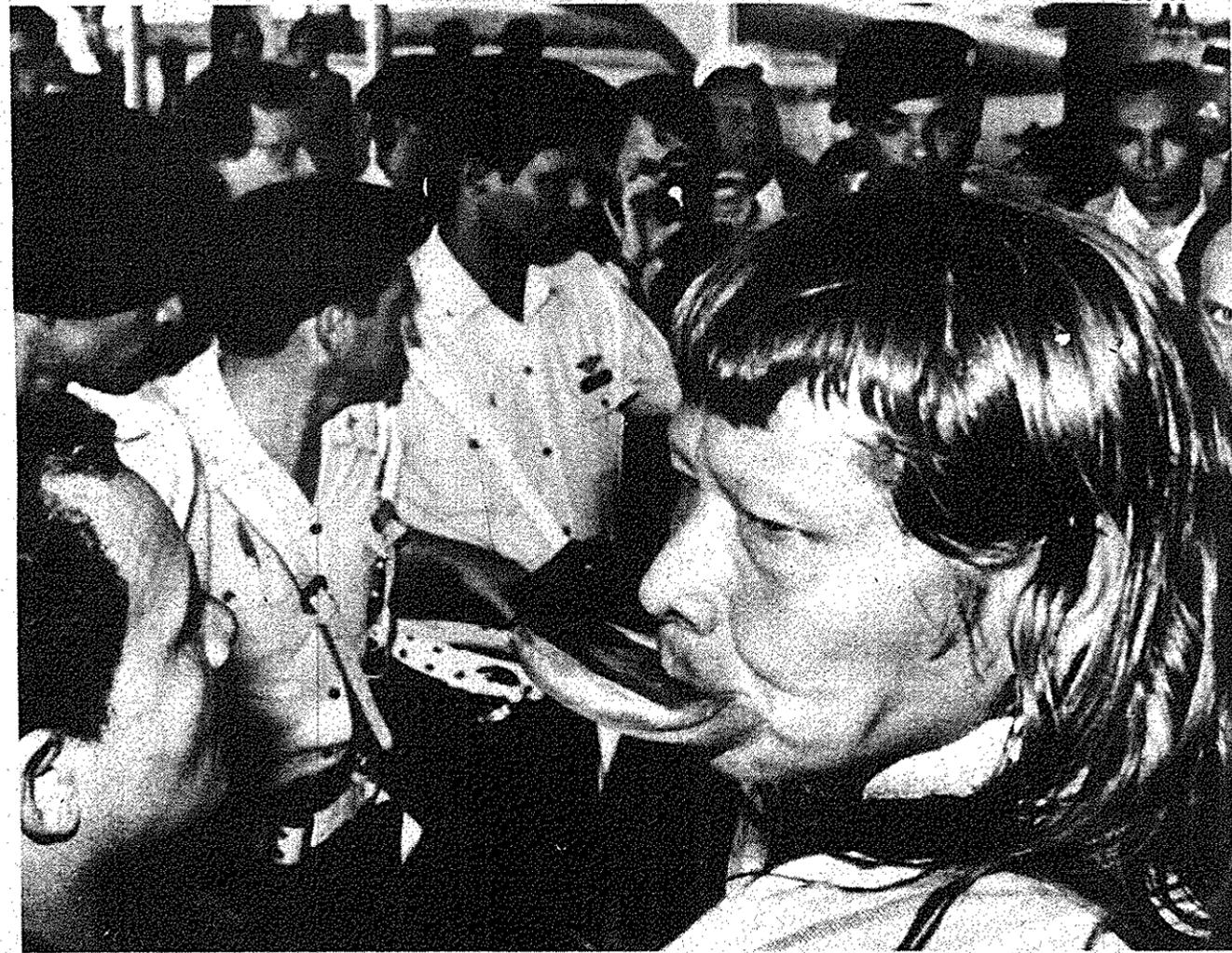
Do outro lado do andar térreo do Palácio, Raoni completava as acusações contra Apoena: "Todo mundo não está gostando de Apoena. Ele manda polícia bater em índio, mulher e criança (referindo-se ao ataque da PM de Mato Grosso contra os rikbatsa), nada prender índio. Já tem três makuxi preso". E o cacique Hibes Menino, da tribo Wassu, de Alagoas olhava os policiais e comentava: "Eu só queria um por cento desse pessoal para defender minhas terras invadidas".

Quando Raoni, Mário Juruna, Wai-Wai, Paiaká e Kremoro tomaram o elevador para o encontro com o ministro Marco Maciel, à frente do Palácio do Planalto foi cercada pela tropa de choque da PM, com seus cães-policiais. Comandava a tropa, o major Palmeira, que ao ser interpelado por um jornalista de televisão, respondeu irritado: "Vocês são repórteres, pois então entrevistem os cachorros." E soltou um sonoro palavrão.

Frente a frente com 140 índios, os soldados, nervosos, formavam uma barreira humana. Diante deles, representantes dos terena, com uma faixa exigindo a saída de Apoena e do ministro do Interior, Costa Couto, líderes xavantes, parakanãs, tikuna, do Alto Solimões.

Enquanto isso, no quarto andar do Palácio do Planalto Marco Maciel conversava com os líderes e, no início da audiência, Raoni lhe disse que Apoena não estava mais trabalhando.

Ao ver a tropa de choque, Raoni, batoque tremendo de nervoso, passou a erva dos espíritos na mão (a erva mamaê) e saiu cumprimentando os soldados. Antes de ir embora, desabafou: "Quando Presidente quer ajuda de índio para fazer pajelança, recebe bem. Quando índio precisa de ajuda, mandam polícia".



Cacique Raoni: "Para fazer pajelança, Presidente recebe bem. Quando índio precisa de ajuda, manda"